

RACHEL DE QUEIROZ E A ESCRITA FEMININA NA LITERATURA BRASILEIRA

Sheila Cavalcante Pitombeira¹

A “série de autoria feminina”, da Revista PUB Diálogos Interdisciplinares, uma iniciativa do Escritor e Professor Guilherme Purvin, sócio fundador da Associação dos Professores de Direito Ambiental do Brasil – APRODAB, e do Instituto Brasileiro da Advocacia Pública – IBAP, objetiva realçar a escrita feminina, nas diversas perspectivas de interesse das autoras participantes, como um gesto político de homenagear as Mulheres.

Assim, não poderia deixar de aceitar o convite e participar dessa homenagem, desse momento. Mas, agora, na hora de me desincumbir dessa instigante tarefa, inclusive falando sobre a escritora Rachel de Queiroz, que admiro e me deleita, nem sei por onde começar. Não é fácil escrever, falar sobre quem se reverencia.

¹ Coordenadora-Geral da Associação de Professores de Direito Ambiental do Brasil – APRODAB, Associada do Instituto Brasileiro da Advocacia Pública – IBAP, Procuradora de Justiça do Estado do Ceará, Professora e Pesquisadora da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, Professora Emérita da Escola Superior do Ministério Público do Estado do Ceará, Doutora em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza, em 17 de novembro de 1910², tendo vivido em Quixadá, Município localizado no sertão central cearense³, onde testemunhou os desdobramentos das agruras sofridas pela população sertaneja na seca de 1915⁴ e para onde sempre retornava, passando temporadas na Fazenda Não me Deixes⁵ após fixar morada na cidade do Rio de Janeiro. Faleceu em 4 de novembro de 2003 no Rio de Janeiro. Foi a primeira escritora a ingressar na Academia Brasileira de Letras, em 4 de agosto de 1977⁶, e a primeira escritora a receber o Prêmio Camões de Literatura, em 1993⁷, dentre outros títulos e homenagens recebidas.

Dois anos após concluir o Curso Normal, cuja diplomação ocorreu em 1925 no Colégio Imaculada Conceição, em Fortaleza, período retratado no livro “As Três Marias”, Rachel de Queiroz estreou como cronista no Jornal O Ceará, com o pseudônimo de Rita de Queiroz (1927).

Em 1930, com apenas 20 anos, publicou o romance “O Quinze”⁸ onde retrata a realidade socioeconômica do sertão cearense afligido

² Academia Brasileira de Letras – ABL. Rachel de Queiroz, Biografia. Disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/biografia>. Acesso em 10 maio 2023.

³ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Biblioteca, Catálogo. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=438583>. Acesso em 29 fev 2024.

⁴ Livro virtual Coleção Mossoroense. Livro das Secas, Disponível em <https://co-lecaomossoroense.org.br/site/wp-content/uploads/2018/07/11%C2%BA-LIVRO-DAS-SECAS.pdf>. (p 3 – 133). Acesso em 21 abr 2015)

⁵ Ministério do Meio Ambiente. Instituto Brasileiro do Meio e dos Recursos Naturais Renováveis, PORTARIA N9 37-N, DE 16 DE ABRIL DE 1999, reconhece como Reserva Particular do Patrimônio Natural a Fazenda Não me Deixes. Disponível em: https://sistemas.icmbio.gov.br/site_media/portarias/2010/05/12/CE_RPPN_fAZENDA_%C3%91_ME_Deixes.pdf. Acesso em 5 maio de 2023.

⁶ ABL (citada).

⁷ Biblioteca Nacional. Prêmio Camões de Literatura. Disponível em <https://antigo.bn.gov.br/explore/premios-literarios/premio-camoes-literatura>. Acesso em 29 fev 2024.

⁸ QUEIROZ, Raquel. O Quinze. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

pela seca mais severa ocorrida no primeiro quartel do século XX⁹. A narrativa do romance tem uma linguagem direta na abordagem do cenário da seca e suas consequências no sertão e na cidade¹⁰.

A seca, com a consequente falta d'água, resulta na morte dos animais por sede e fome, na perda dos produtos cultivados (feijão, mandioca, milho, algodão etc.), no desemprego e desamparo das famílias, inclusive das que eram agregadas às grandes propriedades, cujos donos, a exemplo de Dona Maroca (O Quinze)¹¹, “abria as porteiras do curral” e os agregados que ganhassem o mundo porque não haveria mais serviço para ninguém.

No livro, essa estrutura social e a reprodução desse cenário são sensivelmente percebidos pela personagem Conceição, protagonista da obra. Uma jovem professora, filha e neta de grandes proprietários de terra em Quixadá, que toma consciência da perversa realidade de produção agrícola no sertão e do sistema patriarcal dominante. Não obstante essa realidade, busca um lugar, o seu lugar nesse circuito entre o sertão e a cidade, de modo a não ser subjugada pelo sistema nem constrangida a condicionar seus interesses, inclusive de trabalhar, estudar e participar da vida pública, aos interesses e vontades de um marido.

⁹ Segundo registros históricos da Secretaria de Recursos Hídricos do Estado do Ceará – SRH (online), antes da seca de 1915 (século XX), ocorreu uma anterior em 1900. Há, igualmente registros de secas no período colonial 1777/1779, e durante o Império, 1877/1879. Histórico. Disponível em: <https://www.srh.ce.gov.br/historico/#:~:text=Foram%20muitos%20per%C3%ADodos%20de%20seca,%2D03%3B%202012%2D16>. Acesso em 1 mar 2024. Todavia, há registros de outros períodos.

¹⁰ As cidades no interior do Estado nem a capital, Fortaleza, não tinham estrutura para receber expressivos contingentes de gente. De acordo com Neves (1995) Frederico de Castro o “curral do governo” chegou a receber mais de oito mil retirantes. NEVES, Frederico de Castro. Curral dos Bárbaros: Os campos de concentração no Ceará (1915 – 1932). Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 15, p. 93-122, 1995.

¹¹ QUEIROZ, Rachel (op. cit.)

A estória é contada a partir dos diálogos entre os personagens, com uso de expressões regionais segundo o jeito local de falar e externar suas angústias, sentimentos e anseios. Pelo relato, na ocorrência da seca, o agregado, arrendatário, vaqueiro, trabalhador livre ou o pequeno proprietário eram todos retirados do seu lugar em face da nova realidade: falta de água, comida, trabalho e condições mínimas de permanecer na moradia. Tornavam-se, assim, retirantes da seca em busca de uma opção de sobrevivência na cidade, onde não eram bem vistos, não eram acolhidos, nem mereciam transitar. Deveriam ficar concentrados¹² nos arredores da cidade, onde eram vigiados e as saídas do local somente ocorriam quando chamados ou indicados para as frentes de trabalho¹³.

No romance, a família do vaqueiro Chico Bento (Cordulina, a mulher, e os filhos Pedro, Josias e Manuel – Duquinha, afilhado de Conceição) conduz a narrativa das agruras sofridas, na condição de retirantes famintos, no périplo entre Quixadá e Fortaleza. Ao longo da jornada há a perda do filho Josias, que morre por envenenamento alimentar (raiz de mandioca crua), o sumiço do outro filho, Pedro, que se perde da família e segue com outro grupo de retirantes. Por fim, a chegada em Fortaleza, sendo o trio encaminhado para o campo de concentração, nas proximidades da Estação de trem, no lugar denominado Alagadiço¹⁴, atual bairro de São Gerardo, em Fortaleza. Lá reencontram Conceição¹⁵ que os ajuda a seguir para São Paulo em

¹² BIBLIOTECA NACIONAL – (BN-RJ). Hemeroteca Digital. BARROSO, Benjamim. Relatórios dos presidentes dos estados brasileiros. Fortaleza, 1915, p. 7-9. Disponível em: https://memoria.bn.br/pdf/720372/per720372_1915_00001.pdf. Acesso em 10 maio 2023.

¹³ MELO, Leda Agnes Simões de et al. Os indesejados da seca: a imagem do sertanejo desde as narrativas da Revista do Instituto do Ceará ao Campo de Concentração do Alagadiço (1887-1915). *Revista Maracanan*, n. 26, p. 259 – 280, jan – abr, 2021. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/maracanan/article/view/54435/36868>. Acesso 01 mar 2024.

¹⁴ MELO (*op. cit.*)

¹⁵ QUEIROZ, Raquel. (*op. cit.*).

busca de melhores condições de vida. Com ela, madrinha, deixam o terceiro filho, Duquinha.

Oportuno lembrar que essa personagem, Conceição, como as personagens Marias da obra da escritora: *As três Marias*, 1939 (Maria Augusta); *Beata Maria do Egito* (peça em três atos e quadros, 1958; *Dôra, Doralina*, 1975 (Maria das Dôres); e *Memorial de Maria Moura*, 1992, todas elas acreditam no direito de preservação de sua identidade feminina independente de uma tutela patriarcal. E todas buscam sua independência no contexto social e lutam por conduzir sua história segundo suas crenças e os valores que acreditam. Essa perspectiva feminina na obra de Rachel de Queiroz, segundo Oliveira (2012)¹⁶, não só consolida a autoria feminina na literatura brasileira, mais que isso, evidencia o seu papel preponderante nessa consolidação.

Com efeito, o primeiro romance da escritora cearense, ainda tão jovem, evidencia um grande talento literário não só pela construção da estória. Também, por fazê-lo de modo a demonstrar, na verdade denunciar nesse enredo, questões tão relevantes e diversas como a seca, um evento climático, a desigualdade social e regional ignorada, o preconceito com os flagelados da seca e a desigualdade de gênero. A maestria nessa composição demonstra, ainda, que esse talento tem compromisso com a realidade nordestina-sertaneja, com sua terra, sua gente, como pode ser constatado, inclusive, na reprodução da paisagem do sertão, dos atavismos culturais da região¹⁷, na

¹⁶ OLIVEIRA, Maria Eveuma *et alli*. **Rachel de Queiroz: uma mulher à frente de seu tempo**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural – Alagoí-nhas, v. 2, n. 1, jan./jun. p. 203 – 215, 2012.

¹⁷ A crença de que o dia de São José, 9 de março, padroeiro do Ceará, será um indicativo para a quadra chuvosa, se chover no dia haverá chuva com certeza, se não chover poderá haver seca: ‘ - E nem chove, hein, Mãe Nácia? Já chegou o fim do mês... Nem por você fazer tanta novena... Dona Inácia levantou para o telhado os olhos confiantes:- Tenho fé em São José que ainda chove! Tem-se visto inverno começar até em abril (Queiroz, *op. cit.*)

abordagem da problemática da seca e o temor de sua ocorrência para o sertanejo, ante a incerteza que se instala para o futuro.

Assim, se um clássico da literatura deve, a um só tempo, retratar os valores e circunstâncias de um período e evidenciar que esses valores e circunstâncias ainda se apresentam atuais, pode-se dizer que o romance *O Quinze* guarda esse *status* na literatura brasileira. Nesse contexto, sua autora, a escritora Rachel de Queiroz, não só consegue transportar o leitor para a magia de sua narrativa, instigando-o à análise crítica em torno desses valores intertemporais, como eleva a escrita feminina a um patamar de destaque nacional e internacional.